



Editorial

No Brasil, o movimento filosófico pragmatista tem tido uma dificuldade maior que a de outras correntes no sentido de transitar no meio acadêmico.

Acreditamos que isso se deve, em parte, à forma não cuidadosa com a qual seus autores têm sido lidos. E também, em parte, pelo próprio fato do pragmatismo ser uma filosofia não tradicional, capaz mesmo de afastar os que querem ver a filosofia se repetir.

Não seria interessante nos dedicarmos um pouco mais à leitura das teorias pragmatistas, para entender que elas possuem em comum o princípio de que o efeito de uma teoria, isto é, o modo como elas forjam ou alteram comportamentos, é tão importante quanto a sua própria formulação?

De resto, as posições pragmatistas se diferenciam bastante entre si. Temos, lado a lado, pragmatistas que se aproximam do realismo, isto é, a crença de que exista algo como o 'fato' ou a 'coisa' para além de nosso pensamento e linguagem e, ao contrário, os que defendem o nominalismo, isto é, a posição segundo a qual os interesses humanos determinam o que se pode chamar de verdade. A situação se complica mais quando verificamos que mesmo entre os realistas e entre os nominalistas há diferenças internas.

Se, por um lado, acreditamos ser importante abrir um espaço acadêmico no qual possamos esclarecer melhor as semelhanças e diferenças entre as posições filosóficas dos diversos filósofos pragmatistas, por outro, acreditamos, como Rorty, que a tarefa atual da filosofia é, antes de qualquer outra, a de criar novos vocabulários de modo que possamos, no futuro, termos sociedades povoadas de "versões melhores de nós mesmos".

∞

A presente revista eletrônica almeja contribuir tanto para a divulgação do pensamento pragmatista quanto, de uma maneira geral, para o debate de questões contemporâneas sob inspiração pragmatista.

Em nosso primeiro número trazemos sete artigos. Martha Nussbaum em seu artigo

“Educação para o lucro, educação para a liberdade” faz uma análise crítica do sistema educacional norte-americano e sua atual política de favorecer as áreas de ciência e tecnologia em detrimento das ciências humanas, pois os *police makers* acreditam que o desenvolvimento econômico é o objetivo último da educação, e como este está atrelado à indústria tecnológica nada mais evidente do que apoiar mais os programas educacionais voltados especificamente para essa área. Citando, dentre outros, o trabalho de J. Dewey sobre educação, Nussbaum visa resgatar a idéia de que as ciências humanas são fundamentais para a formação de um pensamento crítico e reflexivo, e que o estudante não estará plenamente capacitado a exercer sua cidadania sem essa ferramenta.

Michel Weber em seu artigo “o pragmatismo de Whitehead” demonstra porque o pensador britânico pode ser considerado um pragmatista, tendo em vista que assim como os pragmatistas seu sistema filosófico estaria dentro de uma perspectiva pós-moderna. Segundo Weber, o filósofo britânico parte da constatação de que com Darwin superamos tanto o paradigma moderno da subjetividade centrada de Descartes quanto o do tempo linear das metafísicas cristãs. A humanidade vê-se diante de um tempo infinito aberto a múltiplas experiências.

Fruto de uma conferência apresentada no IFCS – UFRJ em agosto de 2008, o artigo de Bjorn Ramberg “Curando mentes, tratando cérebro” procura mostrar o quanto o reducionismo psiquiátrico dos transtornos psíquicos a transtorno psicofísicos do cérebro, a partir das descobertas recentes da neurobiologia, não dá conta de explicar tais transtornos. A interação entre paciente e médico durante o tratamento possui uma relevância para a cura que não pode ser auferida por métodos de análises neurológicos, mas sim por análises pragmáticas acerca da influência da interação através de palavras na nossa vida mental.

Em “auto-edificação idiossincrática como modelo liberal-burguês de educação”, Aldir Carvalho Filho busca esclarecer a origem do individualismo exacerbado das sociedades urbanas contemporâneas. Acredita que sua origem está primordialmente na ascensão da burguesia e na defesa liberal da sacralidade da esfera privada. O individualismo serviria aos interesses econômicos de uma sociedade capitalista. Segundo Carvalho, Richard Rorty seria um dos ideólogos mais populares desse individualismo consumidor, porque faz a defesa das liberdades privadas ao mesmo tempo em que defende as bandeiras da esquerda operária.

Dois artigos versam sobre a obra magna de John Dewey, *Reconstruction in philosophy*. Leoni Henning em “A concepção de filosofia em Dewey e o caráter educativo das instituições: primeiras aproximações ao cientificismo deweyano” e Inês Lacerda Araújo em “O conceito pragmatista de filosofia de J. Dewey” expõem, cada uma a seu modo, as novas bases do pensamento

filosófico propugnadas por Dewey. Henning enfatiza as circunstâncias históricas que levaram Dewey a escrever este livro, enquanto, Araújo detêm-se mais à exposição crítica do conteúdo, mostrando as razões que levam Dewey a rejeitar o modelo contemplativo da filosofia tradicional, em favor de um modelo pragmático. Um texto complementa o outro.

Por fim, o artigo de René Dentz, “A percepção sensorial e o pensamento metafísico: uma inspiração peirceana”, apresenta a complexa teoria dos signos de Peirce e como esta está vinculada à fenomenologia de Peirce, isto é, à ‘ciência dos modos de aparecimento dos fenômenos’.

Os editores

Rio de Janeiro e São Paulo, 7 de março de 2009